

○ ESPAÇO EDUCATIVO DA ESCOLA PRIMÁRIA TEUTO-BRASILEIRA RURAL¹

Ademir Valdir dos Santos
UTP

INTRODUÇÃO

Quando falamos do espaço educativo escolar, muitos aspectos podem ser relacionados. Que escola o leitor imaginaria após conhecer o teor de relato deste “termo de visita – inspeção”, datado de junho de 1937?

1º.) que a matrícula total era de 50 alunos, sendo 29 do 1º. ano, 14 do 2º. ano e 7 do 3º. ano;
2º.) que faltaram 8 alunos, sendo 6 do 1º. ano e 2 do 2º. ano; porcentagem da freqüência: 84%;
3º.) que a sala de aula era ampla, clara e confortável. Os bancos escolares eram antiquados e estavam em regular estado de conservação;
4º.) que faltava o seguinte material didático: um mapa do Estado, uma Bandeira Nacional, giz, penas, tinta e papel almaço e livros didáticos para os alunos;
[...] 6º.) que o aproveitamento dos alunos foi sofrível em todas as matérias. Notei nulidade em Ling. nal (sic); a leitura pouco desembaraçada e clara; os alunos do 3º. ano estavam regularmente encaminhados em aritmética e os do 2º. ano já resolviam problema sobre as quatro operações; o conhecimento da história Pátria, Geografia e Educação Cívica não satisfazia;
7º.) que tive em geral sofrível impressão.

Seguindo com suas observações, o inspetor escolar recomendou, então:

Recomendações ao Sr. professor: Introduzir nas aulas de leitura e linguagem oral a reprodução dos textos lidos e a conversação animadora sobre todas as cousas úteis e agradáveis que interessam as crianças; cuidar,

¹ Foi publicado no livro *Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas*, Editora Universidade Tuiuti do Paraná, ed. 1, 2008.

com ardor, da pronúncia correta e da significação dos vocábulos; aprimorar a aprendizagem da aritmética, direcionando-se até o perfeito desembaraço nos pontos do programa; animar as crianças para o conhecimento da nossa História, da nossa Geografia, procurando meios intuitivos e atraentes (mapas, revistas, desenhos no quadro) à conservação de tudo que lhes fossem explicados; não esquecer as lições sobre a educação moral e cívica, sobre a higiene, em geral; [...]Observações: Ao atual sr. professor não lhe cabe culpa sobre o fraco aproveitamento de seus alunos, porque faz quarenta dias que iniciou o exercício nesta escola. O atrazo (sic) deduz-se pelo desleixo mantido pelo ex-professor sr. [...] que, sendo mestre nesta escola estadual e muito recomendado pelo meu antecessor, sobre o ensino das matérias em vernáculo, ministrava todas as aulas no idioma alemão.

Como todos recebemos contribuições formativas da instituição social chamada “escola”, ler um documento desta natureza nos levaria a estabelecer ilações com elementos considerados próprios dessa instituição universal: há uma certa quantidade de alunos e o professor, um espaço denominado “sala de aula” e materiais diversos e com uma finalidade específica, um certo tipo de conhecimento e modos de emissão de juízos de valor, um contexto e dados da realidade. Ao final, considerado todo esse conjunto de dados objetivos e subjetivos, teríamos uma concepção provavelmente embasada no que trazemos não somente de nossas próprias trajetórias de escolarização, mas também das nossas vidas.

É na formação humana, neste campo que chamamos de Educação, considerando locais geográficos e historicamente situados, papéis sociais dos sujeitos, referentes epistemológicos, métodos e aspectos materiais que há elaboração de nossas experiências e vivências – que se engendram as culturas escolares. Para Julia (2001, p.9), “A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Aquela escola de 1937 existiu no nordeste catarinense. Mas que tipo de espaço educativo era?

DE QUE ESCOLA ESTAMOS FALANDO?

Os espaços construídos pelo homem são expressões das formas como produzem sua própria história e das relações que estabelecem com o meio. As moradias nos falam sobre aspectos da vida individual, familiar e coletiva; as edificações para cultos religiosos desvelam formas de vinculação dos indivíduos com elementos que são situados num plano de não materialidade, metafísico; construções com finalidades de produção de bens ou de sua comercialização revelam dados das estruturas econômicas e das formas de trabalho. Casa, igreja, indústria, armazém. Cada lugar revela elementos da história humana, das existências dos sujeitos. Nesse sentido, a natureza e a finalidade social dos espaços físicos idealizados e edificados pode sempre revelar ou ocultar, em maior ou menor grau, concepções ontológicas e de mundo. Ao construir espaços ao seu redor, o homem se constrói.

E como surgiu aquela escola? Podemos afirmar que sua origem está relacionada à vinda de imigrantes alemães para o Brasil a partir do século XIX. Em suas colônias construíram espaços representativos de suas instituições sociais: casas; capelas e igrejas; salões para atividades de canto, bailes e outras comemorações diversas, que às vezes foram aparelhados também para práticas desportivas como a ginástica, o tiro ao alvo e o bolão; e escolas. Determinadas pela qualidade das relações humanas com o meio ecológico, tais edificações se identificam com uma cultura simbólica e material específica. Cabe destacar, porém, que se observam diferenças entre aquelas de ambientes urbanos e rurais.

Dentre o complexo cenário de institucionalização nas comunidades de imigrantes, destacou-se por sua natureza e finalidade social a instituição escolar por eles criada: a *deutsche schule* ou escola alemã. Mas antes de apresentar alguns aspectos para a compreensão dos modos organizativos desse espaço escolar e das propostas pedagógicas que ali tiveram lugar, trataremos elementos para uma precisão conceitual: o que é a escola alemã?

No I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1963, Schaden apresentou argumentos que queremos tanto evidenciar como revitalizar, os quais tratavam dos "Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira". Um primeiro e fundamental

dizia respeito ao conceito ora em exposição: "O sistema escolar teuto-brasileiro constituiu-se de forma bastante complexa. A sua notável diferenciação interna, tem sido escamoteada não raro pela designação corrente de 'escola alemã' (Schaden, 1963, p.65). Disso decorreu a proposição de uma "tipologia", distinguindo três das "múltiplas formas de transição" daquela instituição escolar: "1o, escolas alemãs propriamente ditas, surgidas sobretudo em núcleos urbanos e mantidas, em sua maioria, por sociedades escolares; 2o, escolas comunitárias ou coloniais, características das zonas de fraca densidade demográfica, e, 3o, escolas mantidas por congregações religiosas alemãs" (*Ibidem*, p.65); acrescenta, a seguir, que a "...segunda categoria, correspondente à genuína escola teuto-brasileira".

As escolas teuto-brasileiras, muitas vezes tratadas como forma histórica da 'escola alemã', são unidas por alguns traços fundamentais. Aquela tipificação fornece os critérios para seu estudo enquanto espaço educativo: a) eram estabelecimentos somente de ensino primário; b) foram fundados por iniciativa dos próprios imigrantes, colonos de zonas rurais ou de áreas de incipiente urbanização; c) ao longo de décadas, foram sendo transformadas ou mesmo desapareceram em sua forma originária, em função de determinações legais das políticas educacionais e da expansão da rede oficial pública que, de certo modo, a substituiu; d) caracterizavam-se pela ambigüidade, expressas nos conflitos culturais entre a necessidade e conveniência de integração ao meio nacional e a manutenção e transmissão de valores e padrões de sua cultura própria; e) estavam estreitamente ligadas aos problemas internos da comunidade; f) mantinham uma integração incompleta, sob a ótica cultural, se vistas no conjunto das instituições que regiam a vida social dos grupos de imigrantes (*Ibidem*, p. 66-7). Esta categorização é uma premissa de nossas investigações sobre a história de instituições escolares rurais catarinenses existentes nas primeiras décadas do século passado.

Diversas pesquisas no campo da história das instituições escolares focalizam a categoria que se tem designado como "escola alemã" – *deutsche schule*. Sob larga visão, falar de escolas alemãs tem implicado localizar as experiências históricas de criação, manutenção, transformação e extinção de ambientes escolares aninhados em regiões de fixação de imigrantes durante o século XIX

e primeiras décadas do século passado. Porém, do mesmo modo que a adoção da categoria escola sob perspectiva teórico-metodológica de homogeneidade conduz a distanciamentos na compreensão dos fenômenos educativos, o tratamento das práticas relacionadas ao espaço escolar requer considerar a diversidade das instituições que cunhamos com aquela genérica e ampla designação.

O objetivo desta comunicação é apresentar o espaço educativo da escola primária teuto-brasileira rural, destacando as possibilidades de diferenciação entre as 'escolas alemãs'. Tais distinções são embasadas no argumento da elaboração de culturas escolares peculiares em distintos lugares e espaços, o que permite discutir a produção de conhecimento sobre a heterogeneidade das instituições educativas no Brasil. Utilizamos os dados das pesquisas de caráter exploratório que realizamos em território catarinense, nos últimos dez anos, onde focalizamos as antigas escolas de regiões rurais de imigração alemã do norte e nordeste do estado.

A PROPOSTA PEDAGÓGICA NA ESCOLA PRIMÁRIA TEUTO-BRASILEIRA RURAL

Para apresentação das características das instituições estudadas, utilizaremos a caracterização da escola rural teuto-brasileira proposta por Schaden (1963). Iniciamos pelo fato de que atendiam ao ensino primário. Com base na documentação disponível, podemos afirmar que pelo menos até por volta dos anos 1950 a maioria das escolas catarinenses rurais apresentava uma divisão dos estudos em três ou quatro séries anuais, embora alguns livros de Registro Escolar – Matrícula, frequência diária e aparelhamento escolar apresentassem espaços para registro até o 5o ano. Nas multisseriadas, as crianças das diversas séries dividiam o espaço de uma única classe, o que exigia do professor estratégias para o atendimento simultâneo, mas considerando o plano de estudo específico para cada grupo de um mesmo estágio. Aliás, na maioria daquelas pequenas escolas o professor não era responsável somente por uma classe, mas pela instituição como um todo, quer quanto aos aspectos da docência como pela gestão: "O professor responsável pela Escola não deverá levá-lo em seu poder quando transferido ou licenciado", dizia um "aviso importante" junto ao termo de abertura do livro de registro escolar (BRASIL, s.d.). Aliás, as "Instruções para a escrituração do

livro de registro escolar” consideravam essa especificidade da escola teuto-brasileira rural, solicitando a observação de diversos aspectos da organização do trabalho pedagógico. Quanto aos alunos, por exemplo, registravam-se a data da matrícula e o número de ordem, os nomes, o sexo, se havia ou não sido apresentada certidão de registro civil, a data de nascimento (que podia ser informada pelo pai, tutor ou responsável), a nacionalidade, o ano ou série que iria cursar, a repetência (“é a 2a., a 3a. ou qual vez, que vai cursar o mesmo ano?”), se já sabia ler e escrever, a que distância da escola reside, o aproveitamento (grau de aprovação), exclusão (eliminação ou saída do aluno da escola).

A presença de tais informações para o controle nos permite ver transformações e permanências, à luz da legislação educacional. Note-se a preocupação com a nacionalidade porque as instituições teuto-brasileiras rurais valorizavam sua cultura, apoiada principalmente no uso do idioma alemão. Porém, desde as primeiras décadas do século passado, o vernáculo foi sendo cada vez mais exigido, em nome de políticas de nacionalização. As atitudes coercitivas para o abandono da fala alemã nas colônias rurais culminaram no período do Estado Novo, quando decretos legais exigiram a sua extinção das práticas educativas nas escolas primárias. Mas como evidenciam relatórios de inspeção consultados, ficou configurado um conflito, pois os alunos que tinham como primeira língua o alemão necessitavam de tempo para assimilação do idioma português (ESCOLA MISTA ISOLADA ESTRADA ISABEL, 1936). Essa é uma das ambigüidades mais evidentes na cultura escolar à época.

No Registro Escolar constavam ainda informações sobre os genitores: nome, residência, a nacionalidade, profissão, grau de instrução e religião. O exame do campo destinado às profissões masculinas – que devia ser preenchido com base no “indicador das principais profissões” confirma as raízes rurais. A maioria das crianças era filha de lavradores, aparecendo ainda um menor número de carpinteiros, marceneiros, charreteiros, oleiros. Também a distância geográfica entre o estabelecimento de ensino e a casa das crianças era anotada, realçando aspectos tipológicos da escola teuto-brasileira rural.

Na discussão dos aspectos das práticas educativas então em vigor, o indicador de repetência revela que essa era um fato freqüente, mostrado também nos livros de “Resultado dos exames” (SANTA

CATARINA, s.d.). Os exames eram feitos no final do ano letivo e aplicados por um professor designado que não atuava na escola onde seriam realizados. Exigiam conhecimento de todo o conteúdo acumulado durante o ano. As notas dos exames finais eram atribuídas a provas escritas que geravam duas médias: uma média entre as notas de Linguagem e Aritmética; a segunda média considerava as notas de Geografia, História e Noções comuns. A “média de promoção” era obtida computando as duas médias citadas e a nota em “Linguagem comentada”. O peso dos aspectos lingüísticos indica a preocupação com que a língua portuguesa fosse aprendida e substituisse o idioma alemão, tido como essência da identidade étnica dos imigrantes. As escolas teuto-brasileiras dos núcleos coloniais foram alvo das transformações didático-pedagógicas impostas pela legislação educacional nos anos 1930-40. Isso ressalta a ambigüidade que caracterizou a chamada escola alemã ao longo da história. Nos primórdios, serviu à manutenção e continuidade da cultura transplantada com a imigração; posteriormente, foi utilizada como ambiente de construção da integração daquilo que era “estrangeiro”, visando a elaboração de uma cultura com referenciais de brasilidade através do espaço educativo escolar, que deveria substituir os dados étnicos alienígenas presentes nas comunidades.

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA ESCOLA PRIMÁRIA TEUTO-BRASILEIRA RURAL

As escolas primárias rurais das regiões de imigração alemã eram marcos de referência em meio às bucólicas paisagens locais. Assim como um monumental prédio público escolar quer mostrar o cumprimento do papel social estatal, as escolas erigidas pelas comunidades serviam para evidenciar justamente a ausência do estado no provimento de escola pública para as crianças. No entanto, segundo Willems (1980, p.284-5), o baixo nível cultural de alguns grupos e as condições de rarefação demográfica de algumas regiões onde se fixaram os imigrantes implicaram na construção de escolas pobres em material didático, instaladas em barracões de madeira; para este sociólogo, foi criada uma “cultura rústica teuto-brasileira”, culturalmente muito distante da escola campesina alemã que contemporaneamente existia na Europa.

Mas à medida que os núcleos coloniais prosperaram, investiram nas suas escolas, pois significavam a materialização do ideal formativo

desejado para a infância. Justamente por isso, muitos dos prédios que foram sendo erguidos em substituição às primeiras e precárias edificações ganharam um cuidado arquitetônico característico, que evidenciava a identidade e função social daquela escola: educar as crianças em conformidade com os padrões e valores da identidade cultural teuta. A arquitetura “enxaimel” representou nitidamente esse anseio de diferenciação (Fig. 1).

Figura 1 – Escola teuto-brasileira rural do nordeste catarinense (ca. 1920).
Fonte Arquivo do autor.



Técnica construtiva que consiste em montar paredes com hastes (vigas ou toras) de madeira que são encaixadas entre si e cujos espaços são preenchidos com tijolos, o enxaimel ou *Fachwerk* foi adaptado às características do clima local. A matéria-prima necessária era acessível e o resultado era uma construção robusta, com grande inclinação nos telhados, com estilo e beleza particulares. Além disso, garantia durabilidade. Mesmo em meio a distantes paisagens rurais, o prédio escolar em estilo enxaimel lembrava as origens européias. Num ambiente onde os carpinteiros brasileiros se limitavam a edificar construções de palha ou madeira, a utilização da arquitetura enxaimel nas edificações das comunidades de imigrantes insinuava que estes experimentavam uma cultura diferente. Havia uma significação profunda em edificar algo que enaltecia a ação humana e serviria para a formação de outros homens e mulheres da comunidade!

A área escolhida para a escola era de destaque, geralmente bem situada. A proposta arquitetônica escolar, todavia, atendia mais aos propósitos funcionais e à finalidade social do que a uma busca estética. Mas não que houvesse uma incompreensão de que aquele espaço social comunicava uma certa cultura em elaboração. Em algumas comunidades, o prédio escolar não funcionou somente para as aulas, o que lhe assegurou um papel essencial no complexo das relações sociais. Podia ser usado também para cultos religiosos ou práticas de catecismo, por exemplo. Servia ainda como ponto de encontro nas festas e reuniões. Ainda podia abrigar, na mesma construção, a residência do professor e de sua família. Portanto, havia uma complexa imbricação entre os significados institucionalizados, funcionais e estéticos do espaço escolar.

Nas comunidades rurais que abrigavam escolas teuto-brasileiras a figura do professor assumia variada importância. Mas, os pré-requisitos exigidos de alguém para a função docente nem sempre eram nobres. Willems (1980, p.280) conta que "Os primeiros professores que se ofereceram eram pessoas inválidas que não podiam trabalhar na roça". Seu salário era rateado entre os colonos interessados na alfabetização de seus filhos. Para esse autor, essa foi a origem da "associação escolar", que acabou sendo uma espécie de padrão aceito por diversas gerações de imigrantes alemães. Portanto, "A escolha do professor obedecia, desde o princípio, a um princípio negativo: somente indivíduos inaproveitáveis para outras atividades tornavam-se mestres" (Ibidem, p.281). Em algumas localidades, o professor vinha de fora, instalando-se na comunidade, onde por necessidade cumpria não somente com a docência mas também cultivava a terra e criava animais, o que auxiliava a subsistir no ambiente rural. O prestígio docente era variável:

Em comunidades teuto-brasileiras de baixo nível de instrução, o mestre-escola desfrutava, às vezes, de prestígio relativamente elevado. Este, no entanto, não lhe vinha das suas atividades educacionais, mas do fato de ser ele a única pessoa do distrito capaz de ler e interpretar "os papéis", quer dizer, os documentos relativos à aquisição ou venda de terrenos. Cargos acessórios como os de sacristão, oficial de registro, dirigente de orfeão, aumentavam o prestígio pessoa do mestre-escola. (Ibidem, p.284).

Em algumas comunidades o professor adquiriu, paulatinamente, um status positivo, aliado a alguma estabilidade econômica. Numa das comunidades onde pesquisamos, constatamos uma sucessão familiar de professoras, que durante décadas conduziu a pequena escola local. Acordou-se que o prédio enxaimel destinado à escola fosse também espaço para a moradia da família. Na vida dessas professoras, o cotidiano caminhava intimamente relacionado àquela escola, pois que a divisão espacial conjugava a sala de aula com as outras dependências destinadas ao uso particular da professora e de seus familiares. Tarefas domésticas, como cozinhar, eram conduzidas ao mesmo tempo em que as aulas se desenvolviam. Uma aluna que freqüentou aquela escola teuto-brasileira nos anos 30, enquanto explicava o cotidiano das aulas, contou como ajudava a professora: "Varrer, lavar louça, mexer as panelas" (informação verbal) (Fig.2).

O imbricamento entre aspectos da vida familiar e escolar é demonstrado em fotos resgatadas. Uma delas apresenta a família diante da escola e outra, uma professora vestida de noiva (Fig. 3 e 4).



Figura 2 – O antigo fogão à lenha de uma escola primária rural, 1997.

Fonte: Acervo do autor.

Figura 3 – Familiares de professoras que moravam em uma escola teuto-brasileira rural. Fonte: Acervo do autor.



O Espaço Educativo na Escola Primária... - *Ademir V. dos Santos*

Figura 4 – A noiva-professora: a escola como espaço de trabalho e moradia.
Fonte: Acervo de Adelaide Heller.



Segundo seu depoimento, as carteiras da sala de aula foram afastadas para que os convidados do seu casamento tivessem um espaço para dançar! (Fig.5).

Figura 5 – Aspecto da antiga sala de aula, que no casamento da professora serviu como espaço para dançar, 1997. Fonte: Acervo do autor.



A arquitetura das escolas nas zonas rurais de imigração alemã ajuda a demonstrar as expectativas sobre a realização de seu papel por parte daqueles que a edificaram e dos que dela usufruíram. Nos possibilita entender as finalidades educativas

que foram historicamente elaboradas. Uma instituição abriga um sistema de práticas que lhe é peculiar, esperado quando pensamos sua contribuição à vida social. Tais práticas são sempre históricas e objetivam o entendimento da realidade e a sua recriação no plano epistemológico.

A escola representa a admissão e passagem da educação que podiam ser feitas com auxílio de várias instituições e em determinados espaços para um lugar específico, também institucional. A escola rural teuto-brasileira não era uma escola "popular", nem era "experimental"; era uma expressão institucional parida do interno da comunidade, guardando a herança adquirida no processo de sua gestação. A escola era a própria comunidade e as expressões de suas diferenças em meio à paisagem eram como os contrastes do povo imigrante em relação ao povo local. A escola demarcava o espaço; significava avanço, onde se encontrara o atraso! Funcionava para atender poucas crianças, mas essas não podiam prescindir dela uma vez que não havia escola pública disponível! Imergia a infância nas águas da produção cultural local! Mas, ao mesmo tempo, era o meio para conhecer outras expressões culturais, principalmente aquela típica brasileira.

Vejamos quem ocupou os bancos daquelas escolas. A quem se destinava essa instituição cuja memória resgatamos e que resultados ela pretendia atingir com a ação educativa? Uma das determinações sobre o tipo de criança presente na escola rural teuto-brasileira foi dada pelas condições histórico-geográficas determinadas. Mas entre os imigrantes, a necessidade de mandar as crianças à escola não foi vista igualmente:

Os imigrantes vieram de diversos Estados alemães dos quais cada um tinha um sistema escolar diferentes, sobretudo do ponto de vista do desenvolvimento geral e da eficiência pedagógica. Acresce que diante das diferenças regionais e locais de cultura, a escola ocupava um degrau variável na escala dos valores. Ao passo que para alguns a escola de alfabetização representava um valor que lhes parecia compensar grandes sacrifícios, outros se mantinham indiferentes. (Willems, 1980, p.280)

Outro fator a considerar é acrescentado: "...mas entre os teuto-brasileiros rústicos, como em outros meios onde predomina o trabalho braçal, atividades intelectuais têm uma cotação muito baixa" (Ibidem, p. 280). Assim, se explica também o fato de que se registravam muitas ausências das crianças à escola, porque seus pais exigiam que auxiliassem nas atividades nas propriedades camponesas. O trabalho vinha em primeiro lugar. Ao lado disso, podemos argumentar sobre o que objetivava a proposta pedagógica nas escolas alemãs rurais de pequenas comunidades: para a vida simples, uma escola simples. As operações do trabalho na roça dispensavam conteúdos que fossem além do que um inicial aprender a ler, contar e escrever. Concorde Schaden (1963, p.68): "a arte de ler e escrever tinha importância secundária para os colonos das áreas estritamente rurais". Contudo, nas comunidades com crianças que provinham de famílias luteranas, especialmente se havia vinculação de alguma natureza entre a escola teuto-brasileira e a igreja protestante local, havia a necessidade primordial de que as habilidades de leitura fossem logo dominadas, pois ler a Bíblia é exigência da prática da fé.

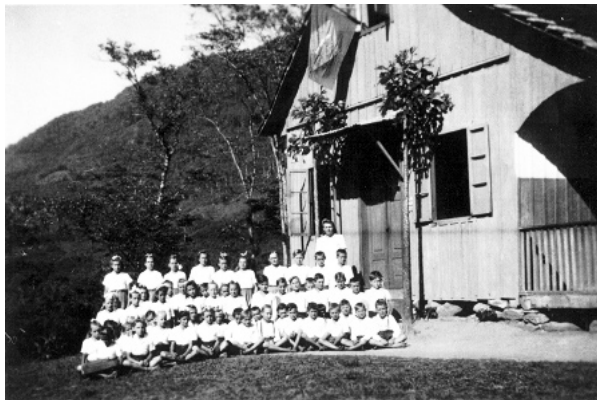
Figura 6 – A comunidade de uma escola primária teuto-brasileira rural, 1928.
Fonte: Acervo do autor.



Consideradas as diversas escolas em estudo, constatou-se que em boa parte das turmas não havia separação entre meninos e meninas. Nas salas de aula, ocupavam as carteiras enfileiradas, que acomodavam duas ou três crianças sentadas lado a lado no mesmo banco. Nas escolas pequenas, às vezes com apenas um ou dois ambientes destinados a acomodar os alunos, o professor

usava a estratégia de subdivisão, agrupando por série. Todavia, diferenças curriculares previam atividades específicas para cada um dos sexos (Fig. 6 e 7).

Figura 7 – As crianças da escola teuto-brasileira rural - [193-?]. Fonte: Acervo do autor.



Conforme o tratamento que se destinava ao espaço educativo surgiram variações formais e espaciais. Separações entre salas de aula e áreas de convívio. As fachadas permitiam à comunidade a identificação daquele espaço social específico (Fig. 8). No terreno da escola primária teuto-brasileira rural são encontradas áreas externas diversas: os pátios, muitas vezes com pastagem e hortas; pequenos cursos de água ou até mesmo um rio vizinho; um jardim planejado, com árvores e plantas.

Mas é preciso ir além da materialidade revelada pela aparência externa dos edifícios e para além de sua estrutura organizativa (de caráter espacial, administrativo e pedagógico). Era uma escola simples, onde o controle pedagógico e administrativo estava centralizado e coincidia na figura do docente. Além disso, ao professor cabiam tarefas de auxílio à comunidade, no que extrapolava o campo de ação curricular formal.

Nossas observações reforçam a ambigüidade presente naquele espaço educativo. Evidenciamos os aspectos da classificação proposta por Schaden, apontando para a bipolarização vivida na escola teuto-brasileira rural: o conflito cultural entre a integração ao meio nacional e a manutenção dos dados da cultura própria. Posicionou-se a escola

O Espaço Educativo na Escola Primária... - *Ademir V. dos Santos*

como uma instituição que mantinha uma integração incompleta com a vida social dos grupos de imigrantes.

Figura 8 – A fachada de uma escola - [194-?]. Fonte: Acervo do autor.



A organização pedagógica da escola rural incluía os espaços externos. No recreio, por exemplo, uma linha imaginária separava meninos e meninas, pois não podiam brincar juntos. Havia o acesso ao espaço rural livre e a convivência nas longas estradas percorridas para chegar até a escola e ir para casa, onde se podia correr, falar alto, aquilo que não cabia dentro da sala! Às vezes, o professor organizava passeios na comunidade! (Fig. 9).

Figura 9 – Professora e alunos em passeio na comunidade rural - [193-?]. Fonte: Acervo do autor.



O ocaso dessas escolas foi ficando mais perto à medida que se complexificou a vida social na comunidade. Assim, aquela formação simples para o trabalho na terra não seria mais suficiente. O processo de urbanização nas cidades próximas gerava atração nas crianças e jovens,

sendo preciso uma escola que formasse para os novos fazeres, os trabalhos da cidade - não mais trabalhos da terra! O espaço escolar necessário deveria ter mais séries, mais salas de aula, abrigar percursos formativos maiores do que os três ou quatro anos iniciais. Em alguns casos, novos prédios foram construídos. Exigiram-se também outros atores e papéis na organização pedagógica e administrativa. O que inicialmente era escola passou a ser apenas a "escolinha". Nas cidades foram aparecendo os grupos escolares, filhos da vida urbana e das relações produtivas da modernidade: correspondiam mais à formação para a nova vida produtiva exigida. Uma escola mais complexa, com mais conteúdos, exigindo novas formas de comprovação.

A escola teuto-brasileira rural pode ser entendida como necessária a um certo modo de produção capitalista na elaboração de relações sociais conflitantes, que se instalaram em função da própria imigração como expressão do movimento da mão-de-obra entre os mercados internacionais. Estágios mais primitivos, rurais, exigiram aquela escola. Como houve complexificação do trabalho, surgiu a necessidade de um outro tipo de espaço educativo. Isso ajuda a entender o porquê da obsolescência das características simbólicas e materiais daquelas antigas escolas primárias rurais, que não correspondiam mais às necessidades formativas. Com o passar das décadas, construíram-se novas casas, igrejas, espaços para a indústria e o comércio. Esses novos edifícios correspondem às funções sociais diferenciadas que foram se processando no cenário rural, que em alguns casos já foi urbanizado. Os antigos edifícios escolares não ocupam tanto destaque. Embora sejam símbolos de uma cultura, escolas no estilo enxaimel restam esquecidas em meio à mata! (Fig. 10)

Figura 10 – Antigo espaço escolar em arquitetura enxaimel, 1997. Fonte: Acervo do autor.



REFERÊNCIAS

F - Adele Eger. Entrevista. 1997.

F - BRASIL. República dos Estados Unidos do Brasil. Registro escolar (modelo III) - matrícula, frequência diária e aparelhamento escolar. s.d.

FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros. Porto Alegre, 1963. Anais.

JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n.1, p.9-43, jan./jun. 2001.

F - SANTA CATARINA. Resultado dos Exames. s.d.

SCHADEN, E. Aspectos Histórico e Sociológicos da Escola Rural Teuto-Brasileira. In: FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros. Porto Alegre, 1963. Anais. p.65-77.

F - ESCOLA MISTA ISOLADA ESTADUAL ESTRADA ISABEL. Livro do Termo. 1936.

WILLEMS, E. A aculturação dos alemães no Brasil. 2.ed. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional, INL. 1980.

Recebido em 5/5/2008

Aceito em 10/6/2008